

# Afrolatinas: 30 anos em movimentos

» CAMILLA PRADO

Fundadora da Gbilê Comunicação &amp; Cultura Ancestral, publicitária e diretora de Marketing e Comunicação no Instituto Audiovisual Mulheres de Odun

Eu, Camilla Prado, soteropaulistana, mulher negra, bissexual e comunicadora, que carrego em mim o dom de traduzir o sentir em palavras — outras vezes, em imagens e gestos —, encontro-me no desafio de levá-los a uma viagem no tempo das histórias das mulheres negras latino-americana e caribenhas. Reforço, com afinco, que este não é um texto apenas por ser julho, o Julho das Pretas. É sobre legado, respeito, inspiração e responsabilidade.

Podemos começar pelo convite a conduzir a comunicação de um documentário, que também é uma experiência imersiva, sobre as trajetórias, lutas, saberes de mulheres que araram este caminho ao qual transitamos com mais liberdade e autonomia. *Afrolatinas: 30 anos em movimentos* é um legado histórico, não apenas um documentário. Quatorze mulheres potentes, corajosas, inteligentes, visionárias e humanas contam sobre sua trajetória, seus desafios e compartilham seus saberes. Sim, gosto de reforçar que são humanas porque sempre nos acharam tão longes desse adjetivo.

Retomando, em 12 de maio de 1992, acontecia o primeiro encontro de Mulheres Negras Latino-Americana e Caribenhas, em Santo Domingo, na República Dominicana. Mulheres potentes, corajosas, inteligentes, visionárias e humanas se reuniram para discutir a criação de uma rede de mulheres negras afro-latinas e caribenhas para traçar caminhos visando os direitos, os espaços e as mudanças no mundo por um novo pacto civilizatório. Ressalto que o convite para esse encontro era por meio de um envio de correspondência, não era e-mail nem WhatsApp, não era convite para uma reunião on-line nem por telefone. Era um convite, solicitando presença, enviado por correspondência às mulheres das regiões. E elas se encontraram! Juntaram-se, trocaram suas experiências e percepções e entenderam que as mudanças políticas, sociais e de mundo dependiam da união delas. Utopias que vieram ao encontro do horizonte impulsionadas pelo vento.

E, hoje, 32 anos depois, aqui estamos em bancadas políticas, em cargos de liderança, em movimentos sociais, em empresas, em cadeiras de decisões. Ainda falta muito a ser feito. Ainda temos que ocupar espaços, ecoar vozes, marcar presenças e transformar as estruturas. O bem viver ainda não é realidade para a população negra. Por isso, ouvir essas mulheres não nos



MAURE

permite desanimar, nem nos perder em meio a tantas lutas diárias. Elas estão aqui, ainda lutando, mas nos observando crescer, nos regando para que o legado iniciado por elas siga a crescer, florescer e dar frutos.

Por isso, nasceu o *Afrolatinas: 30 anos em movimentos*, dirigido por Viviane Ferreira, um documentário que traz depoimentos de mulheres ativistas e forças ancestrais. São elas: Nilza Iraci, Nilma Bentes, Valdecir Nascimento, Creuza Maria Oliveira, Cida Bento, Naiara Leite, Jaqueline Fernandes, Sergia Galván, Tania Ramírez, Epsy Campbell, Aline Torres, Matilde Ribeiro, Heliana Hemetério e Doris Quiñones.

Estamos falando da relação de tempo espiralar, o passado habita o presente e o futuro, conectando corpo, tempo, performance, ancestralidade, memória e produção de saberes. Ouvimos o ontem, atuamos no hoje e inspiramos o amanhã. Partindo desse pensamento, trazer para o universo da plataforma de realidade virtual a possibilidade de um documentário sobre a história de cada uma delas e a relação com o primeiro Encontro de Mulheres Negras Latino-Americanas e Caribenhas é plantar as sementes para o amanhã. Queremos que nossas crianças, adolescentes

e jovens saibam quem são essas mulheres e seus legados, queremos romper com o apagamento de nossas personagens históricas e precisamos fortalecer a nossa conexão respeitosa e honrosa com nossos ancestrais.

Estamos vivendo as visões de mundo que foram postas por aquelas mulheres visionárias em 1992. Temos a responsabilidade em seguir a jornada embarcada por elas. E você poderá conferir, de pertinho, a história de cada uma delas no Festival Latinidades, que acontece em Brasília, de 25 a 27 de julho. Te convido a vivenciar uma experiência imersiva, que mescla um universo mágico e depoimentos inspiradores. A 17ª edição do Festival Latinidades traz o tema *Vem ser fã de mulheres negras*, que é um chamado para reconhecermos e celebrarmos a força transformadora das mulheres negras e homenagearmos algumas delas, como Rita Marley, Sister Nancy, Alaíde Costa e Sandra Sá. O tema busca destacar o nosso papel fundamental na sociedade e, por isso, é um convite a todas as pessoas para saberem mais sobre essa contribuição e a reconhecerem, engajando-se em uma jornada de formação de público. Ser fã de mulheres negras em uma sociedade racista e machista é revolucionário.

## Brasília, capital olímpica

» BRUNO L'ASTORINA

Coordenador local e membro do Comitê de Problemas da Olimpíada Internacional de Linguística

» GUSTAVO WIGMAN

Presidente do Instituto Vertere

Brasília recebe, de 23 a 31 de julho, a primeira edição da Olimpíada Internacional de Linguística realizada no Hemisfério Sul. Durante uma semana, a capital do país será a capital da educação e das diversas línguas escolhidas pelas 50 delegações de 39 países, incluindo as mais de 200 línguas faladas no Brasil, em um evento que integra estudantes do mundo todo, capacita professores brasileiros e promove a diversidade linguística.

As Olimpíadas do Conhecimento (OCs), com o formato que conhecemos hoje, nasceram no fim do século 19, no leste europeu, com o objetivo de disseminar conhecimento, fomentar a autonomia estudantil, a cooperação entre participantes e, principalmente, de impactar a educação, buscando uma aproximação entre o conhecimento acadêmico e a necessidade prática do mercado.

No mundo todo, as OCs são uma importante política educacional. Cidades que as adotam como instrumento de estímulo educacional têm melhor desempenho geral em todas as disciplinas e uma média maior de alunos ingressando em universidades e projetos de pós-graduação. Um exemplo notável é Cocal dos Alves, no Piauí. Antes entre os 50 piores municípios do país em Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e com quase 95% da população dependente do Bolsa Família, a cidade começou a participar de olimpíadas e, hoje, seu Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) é superior à média do estado, ao da capital, Teresina, e à média nacional.

As olimpíadas estimulam valores educacionais que nem sempre são adotados nas

escolas e são relevantes para a formação de adultos autônomos, dotados de iniciativa e mais propensos a trabalharem em equipe. A pedagogia dos problemas, que norteia as OCs, desperta o interesse do aluno, a sua autonomia educacional, ao mesmo tempo em que os obriga a trabalhar em equipe para atingirem os objetivos propostos.

Esses valores são tão importantes para as OCs que uma das ações que ocorrem em todas as olimpíadas é a realização de cursos gratuitos de capacitação para professores ministrados por especialistas das áreas em questão. Além da troca de conhecimento e experiências, é um rico espaço de networking, que amplia a visão de mundo de todos os envolvidos. Não será diferente na 21ª Olimpíada Internacional de Linguística, em Brasília, e também a primeira do Hemisfério Sul.

O Brasil, ao longo dos anos, tem se destacado nas Olimpíadas do Conhecimento. O país conta com o maior número de participantes, com mais de 22 milhões de alunos anualmente. Embora a primeira medalha de ouro tenha sido conquistada apenas em 2011, na Olimpíada Internacional de Física, desde então, já acumulamos mais de 60 medalhas, transformando a vida dos vencedores, dos participantes e das comunidades em que estão inseridos.

Por acreditar nisso, o Instituto Vertere, que fomenta e promove OCs no Brasil, buscou parcerias com as associações acadêmicas de diversas áreas para mudar o perfil dos participantes. Tradicionalmente, participavam das olimpíadas jovens de escolas particulares, brancos, do sexo masculino e das regiões centro-sul do país. Na Olimpíada Brasileira de Linguística, a maior

parte dos participantes é oriunda de escolas públicas e mulher, há uma diversidade crescente e muitos participantes competitivos das regiões Norte e Nordeste.

Sem dúvidas nenhuma, a adoção pelo Brasil, em 2005, de uma política voltada à participação de estudantes nesse tipo de competição foi decisiva para esses resultados, e, hoje, temos competidores promissores e outras mudanças em políticas públicas que estimulam a participação dos estudantes. Diversas universidades públicas de ponta destinam vagas para medalhistas das olimpíadas. É o caso de Unicamp, Unesp, USP, Unifei, UFMS e do Instituto Federal do Sul de Minas.

Nesse contexto, a realização da Olimpíada Internacional de Linguística em Brasília se mostra muito promissora. Aqui, temos representações internacionais de quase todos os países do mundo. Brasília é uma cidade segura, o que facilita o acolhimento de jovens. A proximidade com os ministérios de pastas afins ajuda na tangibilização da política pública adotada e o financiamento desse tipo de iniciativa. O apoio do Governo do Distrito Federal, fundamental tanto pelos recursos e acessos como pela expertise em realização de eventos de grande magnitude, além do alto índice de escolaridade e escolar dos alunos das escolas públicas e privadas do DF, compõe um cenário promissor para transformar Brasília na capital olímpica do país, atraindo outras edições de olimpíadas de conhecimento e eventos similares. Teremos, agora, uma mostra do que Brasília pode oferecer e receber de conhecimento e diversidade linguística e cultural.

### Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Frente parlamentar em defesa do idoso

Em boa hora, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), aceitou a criação de uma Frente Parlamentar Mista em Defesa da Pessoa Idosa, conforme proposto pela senadora Damares Alves (Republicano-DF). Essa frente, formada por senadores e deputados, vai sugerir medidas para promover o bem-estar da população idosa em nosso país.

De acordo com dados do Censo Demográfico de 2010, o Brasil, naquela ocasião, somava mais de 20 milhões de pessoas com 60 anos de idade ou mais. Mais recentemente, o Censo de 2022 apontou que a população idosa era de mais de 31 milhões — havendo, portanto, um crescimento de mais de 39% da população nessa faixa etária durante o período. Com esse perfil da sociedade brasileira, novos desafios se abrem para os governos federal, estadual e municipal.

É sabido que, com o envelhecimento da população, surge também um aumento na prevalência de doenças crônicas, como diabetes, hipertensão e doenças cardíacas e oculares. Isso vai exigir um sistema de saúde pública bem mais robusto e especializado para atender a essas necessidades. Outro ponto nevrálgico para o governo é que o crescimento da população idosa vai pressionar fortemente o sistema previdenciário, aumentando não só a necessidade de reformas para garantir a sustentabilidade das aposentadorias e pensões, como a de buscar novas equações que resolvam satisfatoriamente o constante déficit apresentado por esse importante órgão público.

Quaisquer dessas novas medidas exigirá um grande volume de recursos, não sendo descartada, inclusive, a criação de uma pasta tipo Ministério do Idoso, voltada exclusivamente para essas questões. É preciso destacar que, diante dessa nova realidade, presente em boa parte do planeta, os países que almejem ter bons Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) terão que possuir políticas realistas e bem implementadas em favor das populações idosas.

Há questões de acessibilidade que se farão necessárias tanto para a adaptação da infraestrutura urbana para esses cidadãos quanto a do transporte público como um todo, conferindo segurança e confiabilidade a esse sistema de locomoção. Nossas cidades terão que ser repensadas. Tudo isso sem falar nos cuidados de longa duração, já que essa nova demanda por serviços específicos exigirá mais asilos e cuidadores domiciliares.

Há, ainda, que se repensar os sistemas para incentivar a inclusão social, combatendo o isolamento desse público, ao mesmo tempo em que deverão ser adotadas medidas para garantir o bem-estar emocional e mental dos idosos. Essa história de que o envelhecimento é um pacto silencioso com a solidão precisa ser rompida. Um dos meios possíveis pode ser por meio da educação e da capacitação dos idosos, oferecendo oportunidades de novos ciclos de formação e educação capazes de mantê-los engajados e motivados para novos desafios, como um verdadeiro conselho de notáveis.

Para aqueles empresários que estão sempre alertas para novas oportunidades de negócio, um bom empreendimento seria a construção de shoppings voltados exclusivamente ao atendimento integral dos idosos. A qualidade de vida dessa parcela da população deve ser mantida a todo o custo. Para isso, faz-se necessário um planejamento antecipado e muito bem detalhado, pois a complexidade dessa questão vai exigir mais do que esforços do governo. Será preciso, ainda, a colaboração intensa de toda a população, como a educação dos pequenos em relação aos mais velhos.

Segundo a senadora Damares, autora da proposta, a frente parlamentar pretende, entre outras coisas, “evidenciar à sociedade brasileira que ela está envelhecendo e que precisa agir conforme a isso. Costumamos nos orgulhar da juventude de nossa população, no que estamos certos, mas também é certo não se enganar tomando a parte pelo todo e não caracterizar toda a sociedade por um segmento dela”.

De acordo com a proposta, a frente parlamentar vai “ouvir constantemente a sociedade e propor medidas, além de apresentar proposições legislativas para promover a vida das pessoas idosas, sempre considerando o progressivo aumento dessa população”. Também está prevista a realização de eventos para debater formas de promoção da vida da pessoa idosa.

Quem sabe se, com medidas como essa, ganhe reforço também a ideia, dentro do parlamento, de criação de uma bancada do idoso, à semelhança do que já ocorre com as bancadas rurais, evangélicas e de segurança, entre outras. Essa, sim, seria uma bancada de suma importância para o futuro do país e para todos aqueles que ainda creem que a velhice é um fenômeno que ocorre apenas com os outros.

### » A frase que foi pronunciada:

“Uma sociedade cresce quando os velhos plantam árvores cuja sombra eles sabem que nunca se sentarão.”

Provérbio grego

### » História de Brasília

Quem mora no Do-Re-Mi reclama da falta de luz nas alamedas que dão de um bloco a outro. Quanto à falta de roupa de cama, ninguém reclama mais. Já se acostumou. (Publicada em 11/4/1962)